

---

## Apresentação

### A tradição retórica nas trilhas da Semiótica: fragmentação e reintegração aos domínios contemporâneos do discurso\*

Juliana Di Fiori Pondian<sup>i</sup>

Giovanna Longo<sup>ii</sup>

---

**S**abemos que o nascimento da Retórica remonta às origens da pólis com o desenvolvimento da filosofia e da democracia na Grécia clássica (séc. V AEC). Cultuada pelos sofistas como exercício da *doxa* — a palavra dos cidadãos em assembleia e que revelava suas opiniões sem o compromisso com *aletheia*, como queria Platão —, a Retórica adquiriu, ao lado da Poética, *status* de ciência poiética ao ser regulada pelo pensamento filosófico de Aristóteles (séc. IV AEC). Sistematizadas como pertencentes ao campo da chamada filosofia prática, que se ocupava das práticas humanas e contingentes, as ciências poiéticas voltavam-se para a produção utilitária ou estética, enquanto as ciências práticas, como a ética e a política, tinham como fim a ação e, portanto, o bem humano. A essas se opunham as ciências teóricas, pertencentes ao campo da filosofia teórica, que, ocupando-se da ontologia, tinham como fim a verdade (Chauí, 2002, pp. 349-51)

Propondo-se como um paradigma que, enquanto modelo, oferecia às técnicas um conjunto de procedimentos que lhes conferissem regularidade, reduzindo a instabilidade e ampliando a eficácia das ações humanas diante das contingências, a Retórica e a Poética de Aristóteles fundamentaram toda a produção posterior nesse campo do saber.

Definida pelo estagirita como “a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão” (Ret. I, 2, 1355b), a arte Retórica, privilegiando a construção do raciocínio (prova, entimema), funda-se sobre uma tríplice perspectiva, envolvida em toda produção da linguagem: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. É dessa forma que a retórica aristotélica, ao mesmo tempo que envolve

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2025.240033>.

<sup>i</sup> Professora do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (EGL-UFF), Niterói, RJ, Brasil. E-mail: julianapondian@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5550-7325>.

<sup>ii</sup> Professora da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCLAr-UNESP), Araraquara, SP, Brasil. E-mail: giovanna.longo@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0993-0514>.

um saber analítico voltado para a construção de argumentos a partir de diferentes pontos de vista e, por essa razão, se aproxima da dialética, é também um saber político relativo aos carácteres (do orador e do auditório). Conforme lembra Meyer (2007, p. 22-3), para Aristóteles,

o *logos* subordina a suas regras próprias o orador e o auditório: ele persuade um auditório pela força dos argumentos ou agrada a esse mesmo auditório pela beleza do estilo, que comove aqueles a quem se dirige [...]. As três dimensões estão bem presentes, mas integradas à força do verbo.

Em Roma, já no século I AEC, sob condições sócio-históricas bastante diferentes daquelas da Grécia helenística, surgem os primeiros manuais de Retórica em língua latina. Os romanos, conhecidos por seu pragmatismo, se dedicaram desde muito cedo à oratória política e jurídica.

O mais antigo tratado em latim de que se tem registro, *Retórica a Herênia*, de autoria incerta, mas por longo tempo atribuída a Cícero pelas claras relações com sua primeira obra sobre o tema, *De Inventione* (c. 54 AEC), foi composto entre os anos 86 e 82 AEC. Estruturado em quatro livros, aborda as principais partes da retórica — *inventio*, *dispositio*, *elocutio* — e, diferentemente do tratado de Aristóteles, não faz incursões filosóficas, discussões sobre o caráter do orador ou sobre a mobilização dos afetos dos ouvintes como meio de persuasão. Privilegiando o gênero judiciário, dedica todo o último livro à *elocutio*, em especial às figuras e aos ornamentos da linguagem. É digna de nota a catalogação de mais de 60 figuras chamadas “de palavras” e “de sentenças”. Da perspectiva da obra, questões filosóficas ou de fundo moral deveriam ser tratadas como ornamentos, isto é, estar voltadas a amplificar e enaltecer a causa defendida. Ainda que se continue prezando pela imagem do orador como homem honrado, essa demonstração de virtude é um ornamento para a justiça: o ofício do orador não é o de ser um exemplo de conduta e sim o de defender uma causa.

O período republicano em Roma foi marcado por momentos de grande instabilidade política, gerados principalmente por conflitos entre a aristocracia e as camadas populares que reivindicavam reformas democráticas. A instituição de tribunais permanentes ampliou o direito de acusação, antes exclusivo dos cidadãos romanos, estendendo-o aos latinos, aliados e estrangeiros. Nesse contexto de violência política em que houve uma significativa instrumentalização do discurso no senado e nos tribunais, consolidou-se a figura do advogado, cuja atuação se tornava estratégica não apenas para o prestígio público, mas sobretudo como meio de ascensão política.

Assim, pelas suas características, entende-se que a obra *Retórica a Herênia* tinha como finalidade permitir o ensino da técnica àqueles que, não pertencendo às classes aristocráticas, não podiam adquirir sua formação retórica na Grécia.

A mais célebre figura romana associada à Retórica é o senador e cônsul Marco Túlio Cícero (106 - 43 AEC), reconhecido tanto por sua vasta produção oratória quanto por suas reflexões sobre recursos e práticas retóricas. Cícero começou sua carreira como advogado e usou desde cedo a Retórica como instrumento de trabalho. O arpinate é conhecido por primeiro praticar a oratória e só posteriormente registrar suas regras em tratados. Para além do grande número de discursos que teria proferido ao longo de sua carreira de magistrado e cujos registros chegaram aos nossos dias, as grandes obras sobre o tema foram compostas somente na sua maturidade, e nelas vemos uma grande preocupação com a figura do orador<sup>1</sup>. Nesse período ocorre uma ascensão da oratória, usada como exercício do poder e requisito essencial para o ingresso na carreira política. No contexto romano, a retórica era a instituição maior, o conjunto de princípios teóricos e normas de conduta, o sistema de estudo e de produção discursiva (oral ou escrita). Já a oratória é a manifestação concreta desses preceitos; sua essência era o discurso produzido em público ou ao menos regulado por um destinatário “presente”. Já a eloquência dizia respeito à qualidade, à eficiência do discurso, o que determina a estética como fator indispensável à sua construção. Para os romanos, não há oratória sem retórica e sem oratória não há espaço para o exercício da eloquência. Assim, diferentemente da Retórica grega que como ensino intelectual (ciência poiética) tinha por finalidade uma prática política, “a Retórica romana, investida da toga, transcendeu os limites do saber para se tornar uma oratória essencialmente do poder” (Rezende, 2010, p. 25). É assim que, para os romanos, a oratória se converte em poderoso instrumento de ação, coação e coerção social.

Mas o fim da República e início do período imperial impôs contornos diferentes para a retórica entre os romanos. De fato, a mudança de regime político estabeleceu novas condições para o exercício da palavra eficaz, não mais valorizada como havia sido na democracia republicana. Deslocou-se à esfera privada aquilo que antes pertencia à pública, ampliou-se com isso a ênfase na função estética, que acabou por neutralizar os limites entre Retórica e Poética. Já no período da dinastia Júlio-Claudiana (27 AEC – 68 EC), começou a haver uma posição crítica em relação à Retórica, a oratória é reconhecidamente rebuscada, com uma sobrecarga de elementos ornamentais que tentam encobrir o esvaziamento de conteúdo. Foi sob a dinastia Flaviana (69 – 96 EC) que Marco Fábio Quintiliano (39-95 EC), advogado e proprietário de uma famosa escola de retórica, buscou reconduzir a oratória ao que julgava serem suas dimensões legítimas: a serviço da pátria, do direito. Em sua obra monumental, *Institutio Oratoria* (Educação Oratória), publicada no final da vida, dedica seus 12 livros à formação completa do homem romano, desde a infância até as qualidades morais

---

<sup>1</sup> *De oratore* (54 AEC), *De optimo genere oratorum* (52 AEC), *Brutus* (46 AEC), *Orator* (46 AEC).

do orador, descrevendo as cinco partes da retórica, e abordando a importância da leitura dos poetas e do exercício da escrita.

Com esse legado greco-romano a Retórica atravessou a Antiguidade tardia como *ars bene dicendi* e entrou na Idade Média alocada entre as artes liberais, constituindo o *Trivium* ao lado da Gramática e da Dialética. Como mostrou Barthes (1970) em seu célebre ensaio sobre a Retórica antiga, ao longo dos séculos a *ars* ocupou lugar de destaque, gozou de prestígio, mas entrou em declínio sobretudo no século XVIII, frente aos ideais românticos de gênio e originalidade, caindo definitivamente em descrédito no fim do século XIX, até ser resgatada sob novas perspectivas e voltar a encontrar lugar de relevância no quadro dos estudos discursivos.

Após o afastamento da Retórica pelo formalismo científico que culminou no advento da ciência da linguagem, o movimento de reaproximação só teve início com a delimitação de um novo objeto, o discurso, estabelecido pelos estudos da Enunciação de Benveniste (1966, 1974). Mas foi o estudo de Jakobson (1956) sobre metáfora e metonímia que abriu caminho para a retomada definitiva da retórica entre as áreas sob uma nova perspectiva. Ao reconhecer nos tradicionais *tropos* a síntese de dois processos semânticos universais, a similaridade e a contiguidade, esse estudo criou as condições para o estabelecimento de um construto teórico responsável pela discursivização, que permite reconhecer e analisar a retoricidade como condição da produção discursiva.

No âmbito dos estudos semióticos de linha francesa, ao longo das várias fases de desenvolvimento da teoria, o diálogo com os postulados retóricos foi se revelando de forma mais ou menos explícita. Um dos poucos textos de Greimas em que se pode reconhecer uma alusão mais direta ao pensamento retórico, e ainda do ponto de vista da tropologia, é “*L’écriture cruciverbiste*” (A escrita cruciverbalista), escrito para compor — justamente — o volume *To Honor Roman Jakobson: essays on the occasion of his seventieth birthday* (1967), e republicado depois em *Du sens* (1970). Nesse artigo, Greimas compara a construção das palavras-cruzadas à escrita poética, considerando-a uma “antipoética”, depois de investigar seus modos de configuração semântica a partir de operações de expansão e condensação, e substituição e permutação (operações retóricas tradicionais), em diálogo com a estrutura proposta por Jakobson para os processos semânticos.

Ainda nos anos 1960, surge na Bélgica um grupo de estudiosos e pensadores, o Groupe μ, que se volta à construção do que se chamou uma “Retórica linguística”, isto é, um resgate dos princípios retóricos, sobretudo no que diz respeito às figuras, a partir de parâmetros da linguística estrutural. O propósito do grupo era construir uma Retórica Geral (1970) e depois se dedicar às retóricas particulares, próprias a cada linguagem (música, pintura, cinema, etc.), mas apenas a *Retórica da Poesia* (1977) e a retórica da imagem, no *Traité du signe visuel* (1992) vieram à luz, seguidas de uma espécie de

“retórica do conhecimento” (*Principia semiotica*, 2015), que vem sendo elaborada até o presente.

Quando o interesse passou a recair sobre o componente afetivo dos discursos, as relações entre as áreas tornaram-se mais nítidas. Embora os estudos inaugurados pela *Semiótica das Paixões* (1991) tenham evidenciado a relevância dos afetos na configuração do sentido, as análises então realizadas concentraram-se quase exclusivamente na sintaxe modal, revelando pouco acerca do aspecto propriamente sensível da paixão.

Foi sobretudo a partir dos estudos tensivos de Zilberberg que se ampliou o modelo semiótico das paixões, com a elaboração de instrumentos conceituais capazes de formalizar o universo sensível, o que consolidou o movimento de reaproximação entre Retórica e Semiótica. Ao refletir sobre o lugar da Retórica no interior das ciências da linguagem, Zilberberg (2011, p. 196) propõe que o campo de ação do discurso persuasivo se divide em dois domínios: a argumentologia e a tropologia. A primeira apresenta caráter mais implicativo e atônico, enquanto a segunda se distingue por sua orientação concessiva e maior tonicidade.

Rejeita-se, portanto, a tradicional separação entre a retórica da argumentação e a retórica das figuras, buscando-se estabelecer uma reflexão acerca da base comum que deu origem a ambas (Bertrand, 2009, p. 2). Nessa releitura de noções herdadas da Retórica Clássica, os tropos e as figuras — correspondentes à antiga *elocutio* — deixam de ser entendidos como meros ornamentos do texto ou “desvios” de uma suposta neutralidade da linguagem denotativa, passando a ser concebidos como operações enunciativas. Assim como os argumentos — parte da antiga *dispositio* — eles devem ser analisados dentro de uma lógica argumentativa, pois são mobilizados para produzir efeitos de sentido e sustentar a persuasão, elemento central na relação entre enunciador e enunciatário. Desse modo, ao destacar o componente sensível da produção de sentido, e com isso evidenciar a expressividade discursiva, os avanços da semiótica tensiva possibilitaram integrar à teoria a dimensão retórica do discurso.

À luz dos recentes desenvolvimentos da Semiótica Francesa — que tem se voltado para a problemática da enunciação, da práxis enunciativa, da semiose em ato, do plano da expressão, da dimensão sensível, dos afetos, das identidades culturais, das práticas e das formas de vida — a compreensão das propriedades que condicionam os modos de funcionamento do discurso e dos processos que presidem a construção do sentido, como as operações de amplificação, diminuição e contraste, por um lado, e o reconhecimento da existência de uma dimensão persuasiva inerente ao exercício da linguagem, por outro, passam a constituir o ponto de convergência entre Semiótica e Retórica, não só como disciplinas transversais que dialogam, mas principalmente como áreas que se entrecruzam, em um movimento de retorização da Semiótica e de semiotização da Retórica.

No Brasil, destacam-se os trabalhos de José Luiz Fiorin, com alguns artigos publicados (2001 [1988], 2007, etc.) sobre as articulações entre a semiótica e a retórica de modo geral, o problema da argumentação e os livros *Figuras de Retórica* (2014) e *Argumentação* (2015), que reafirmam o posicionamento de que as teorias do discurso devem herdar a retórica. Assim, do ponto de vista da Semiótica, a Retórica, que se consolidou como arte voltada sobretudo a descrever o conjunto de operações técnicas capazes de tornar um discurso convincente, deixa de ser concebida como uma estratégia consciente destinada a produzir determinados efeitos no auditório. Interessa aos estudos discursivos da atualidade compreender a retoricidade presente em toda operação de linguagem (Fiorin, 2015, p. 56).

Diante desse amplo panorama, este dossier da revista *Estudos Semióticos* se propôs a observar o estatuto dessas relações e sua presença nos estudos da linguagem nos tempos atuais, a partir de contribuições brasileiras e estrangeiras.

A reflexão de Denis Bertrand, no texto “Sémiotique et rhétorique : de près et de loin”, inaugura este percurso crítico ao encenar um diálogo do autor consigo mesmo — um gesto retórico em sua própria estrutura — no qual interroga os vínculos complexos e por vezes desconfortáveis entre a jovem semiótica e a antiga retórica. Através de uma escrita ensaística e conceitualmente rigorosa, Bertrand propõe uma rearticulação das categorias retóricas sob a luz de conceitos semióticos como narratividade, tensividade e figuratividade. Ao reivindicar que a semiótica pode renovar as antigas noções da retórica, o autor tensiona os limites entre tradição e inovação, entre forma e operação, sugerindo uma aliança produtiva que ultrapassa classificações disciplinares estanques.

A esse movimento se junta a contribuição de Elizabeth Harkot-de-La-Taille em “*Groupe μ: retórica e semiótica*”, na qual é traçado o percurso teórico do Groupe μ desde sua ancoragem na retórica clássica até sua inserção decisiva no campo semiótico. A autora destaca como os integrantes do grupo não apenas releram a tradição retórica à luz das preocupações modernas com o discurso e a figura, mas também forjaram uma semiótica das figuras, que abriria caminho para uma semiótica cognitiva emergente. Em sua análise, Harkot-de-La-Taille demonstra como a retórica não foi abandonada, mas reconfigurada como um núcleo metodológico no interior da semiótica, fundamental para compreender os processos de produção de sentido nas linguagens visuais e verbais.

É precisamente sobre esses mecanismos figurativos que Jean-Marie Klinkenberg se debruça no texto “Como se cria uma figura de retórica visual?”. Explorando as relações entre linguagem verbal e imagem, o autor investiga quais operações semióticas estão na base da formação de uma figura retórica. Apoando-se em conceitos como isotopia, articulação e cooperação, Klinkenberg propõe uma análise em quatro etapas para compreender como se constrói o efeito retórico de uma figura — efeito este que se manifesta tanto no texto quanto na imagem. Ao enfatizar que a figura é antes de tudo um fenômeno

semiótico, ele defende a pertinência da retórica visual como campo legítimo e necessário da análise semiótica contemporânea.

Essa articulação entre imagem e linguagem é radicalizada por Maria Giulia Dondero e Daniervelin Renata Marques Pereira no artigo “Rhétorique visuelle et énonciation dans les images générées par l'intelligence artificielle”. A partir das contribuições do Groupe  $\mu$  e da semiótica greimasiana e pós-greimasiana, as autoras analisam a retórica visual de imagens geradas por IA multimodal. Elas mostram como categorias como figuratividade e praxis enunciativa podem revelar os regimes de sentido ocultos nas imagens de aparência realista, mas que se constituem como simulacros manipuladores. Ao abordar os conflitos entre verdade e ficção, e os contratos enunciativos mediados por algoritmos, o estudo demonstra como a retórica visual permanece operante, mesmo em contextos hipertecnológicos, reforçando a relevância da semiótica como ferramenta crítica para desvelar tais operações.

Na mesma direção expandida da linguagem, Francis Édeline, em “La métaphore en tous sens”, oferece uma análise aprofundada da metáfora como operação retórica e semiótica que atravessa não apenas o discurso verbal, mas também a pintura, a música e o pensamento científico. Édeline propõe que a metáfora, longe de se restringir a um ornamento lingüístico, opera como uma desestabilização categorial que permite rearticular sentidos através de raízes comuns. Sua abordagem defende que a metáfora se estrutura como um processo sensível, intuitivo e relacional, no qual o corpo e o pensamento operam juntos, reiterando o potencial unificador da semiótica quando combinada às estratégias retóricas da invenção.

É ainda no campo da imagem que o texto de José Miguel Guerra-Tacilla, Adriana Espinoza, Matheo Dolmos e Andrea Izarra, “Las retóricas silenciadas. Retórica visual de *graffitis* censurados por gobiernos conservadores en el espacio urbano”, investiga o poder da retórica visual como prática semiótica de resistência. Utilizando a teoria visual do Groupe  $\mu$ , os autores analisam grafites censurados em Lima, Peru, e demonstram como essas inscrições urbanas ativam modos retóricos vinculados à memória coletiva e ao conflito político. A análise mostra que, mesmo silenciadas, essas imagens mantêm sua potência semiótica ao reconfigurar o espaço urbano como território de disputa discursiva, revelando o entrelaçamento indissociável entre retórica e semiótica no embate simbólico com o poder.

Martín Acebal, em “La reunión semiótica de las retóricas”, propõe uma perspectiva teórica que integra os ensinamentos do Groupe  $\mu$  com a semiótica de Peirce e a teoria da prática social de Althusser. Acebal vê a retórica como um processo semiótico específico desencadeado por uma anomalia discursiva, a partir da qual se constrói um efeito de estranhamento, reificação e metalinguagem. Ao articular esses elementos dentro do chamado “nonágono semiótico”, o autor propõe um modelo analítico que reposiciona a retórica como

um operador central da significação e como campo privilegiado de observação dos cruzamentos entre linguagem, cognição e ideologia.

Com olhar voltado à historiografia, Lourenço Fernandes Neto e Silva analisa, no texto “A distinção entre provas técnicas e não técnicas: da Retórica à Semiótica”, os percursos históricos que aproximaram e afastaram retórica e semiótica ao longo dos séculos. Retomando a arte do Trivium e suas transformações no Iluminismo francês, o autor defende que a ideia moderna de método se formou não apesar, mas por meio da coexistência e cruzamento entre as teorias do signo e as artes da linguagem. Sua proposta é que a retórica, longe de ser um saber periférico, é parte constitutiva da semiótica enquanto campo de saber e prática de análise discursiva.

Entre o poético e o musical, Eduardo Yalán Dongo, Luis David Roldan Bazan e Guillermo Manuel Arbulú Sánchez, em “El vehículo musical: *Trilce* y la retórica en el discurso sobre la musicalidade”, analisam o poemário de César Vallejo à luz da semiótica tensiva. Os autores argumentam que a musicalidade em *Trilce* se organiza por uma retórica que prioriza o pathos e rompe com o preciosismo modernista. As figuras do ostinato, da disruptão, da aberração e do abrasivo compõem um discurso musical que se vale de operações semióticas para afetar e reorganizar o sentido. Assim, o texto poético revela-se como um espaço privilegiado de convergência entre a invenção retórica e os regimes semióticos da intensidade.

Com foco na literatura brasileira, Sonia Merith-Claras examina “Entre imaginação e denúncia: o éthos de Lygia Bojunga” a partir da obra *A casa da madrinha*. Utilizando a semiótica discursiva e tensiva, a autora investiga os percursos figurativos e temáticos que constituem o éthos de Bojunga como um ator da enunciação solidário e crítico. A articulação entre denúncia social e fantasia revela-se como uma estratégia retórica operada semiótica e discursivamente, onde a retórica não é apenas estilo, mas uma forma de organização ética do sentido — uma prática de resistência e invenção enunciativa.

Fechando este percurso, Natália Miranda Fernandes da Silva, em “A argumentação colérica em *Edipo Rei*”, propõe uma leitura do confronto entre Édipo e Tirésias a partir da retórica aristotélica e da teoria semiótica das paixões. A autora argumenta que a cólera de Édipo, mais do que uma emoção dramatizada, constitui um operador semiótico de sentido, relacionado à percepção coletiva do sofrimento em Tebas. Ao analisar os modos de argumentação que se articulam com o *ethos*, o *logos* e o *pathos*, o artigo revela como as estratégias retóricas mobilizadas estão profundamente entranhadas nos mecanismos semióticos que regem a narrativa trágica.

Assim, reunidos sob o signo da retórica em sua dimensão semiótica, estes textos evidenciam que o gesto de figurar, argumentar, afetar e intervir no mundo passa, necessariamente, pela operação dos signos — sejam eles palavras,

imagens, sons ou paixões. A retórica, aqui, não é apenas herança clássica, mas um horizonte teórico e prático onde a semiótica encontra sua mais contundente expressão crítica. ●

## Referências

- ARISTÓTELES, *Retórica das paixões*. Trad. Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARTHES, Roland. “A Antiga Retórica”. In: Cohen, Jean et al. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 147-154.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard, 1974.
- BERTRAND, Denis. Entimema e textualização. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. *CASA — Cadernos de Semiótica Aplicada*. V. 7, n. 2, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.21709/casa.v7i2.2282>.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Trad. Grupo CASA. Bauru-SP: EDUSC, 2003.
- CHAUI, Marilena. *Introdução à História da Filosofia*: dos pré-socráticos a Aristóteles. vol. 1. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- [CICERO]. Retórica a Herônio. São Paulo: Hedra, 2005, p. 11-34.
- FIORIN, José Luiz. As figuras de pensamento: estratégia do enunciador para persuadir o enunciatário. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 32, 2001 [1988]. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3798>. Acesso em: 26 ago. 2025.
- FIORIN, José Luiz. Semiótica e retórica. *Gragoatá* n. 23, p. 9-26, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33175>. Acesso em: 26 ago. 2025.
- FIORIN, José Luiz. *Figuras de Retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- GREIMAS, Algirdas Julien. “L’écriture cruciverbiste”. In: TO HONOR Roman Jakobson: Essays on the occasion of his seventieth birthday, 11 October 1966. The Hague; Paris: Mouton, 1967. p. 799-815.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens : essais sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*: dos estados de coisas aos estados de alma. Tradução: Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- GROUPE µ. *Rhétorique de la poésie*: lecture linéaire, lecture tabulaire. Bruxelles: Complexe, 1977.
- GROUPE µ. *Traité du signe visuel*: pour une rhétorique de l’image. Paris: Éditions du Seuil, 1992.
- GROUPE µ. *Principia semiotica*. Aux sources du sens. Bruxelas: Les Impressions Nouvelles, 2015.
- JAKOBSON, Roman; HALLE, Morris. *Fundamentals of Language*. The Hague: Mouton, 1956.
- MEYER, Michel. *A retórica*. São Paulo: Ática, 2007.
- REZENDE, Antônio Martinez de. *Rompendo o silêncio*: a construção do discurso oratório em Quintiliano. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de Semiótica Tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

---

 **The rhetorical tradition within the paths of Semiotics: fragmentation and reintegration into the contemporary domains of discourse**

 **PONDIAN, Juliana Di Fiori**

 **LONGO, Giovanna**

---

**Como citar este artigo**

PONDIAN, Juliana Di Fiori; LONGO, Giovanna. A tradição retórica nas trilhas da Semiótica: fragmentação e reintegração aos domínios contemporâneos do discurso. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, n. 2. Dossiê temático: “Semiótica e retórica”. São Paulo, agosto de 2025. p. i-ix. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

**How to cite this paper**

PONDIAN, Juliana Di Fiori; LONGO, Giovanna. A tradição retórica nas trilhas da Semiótica: fragmentação e reintegração aos domínios contemporâneos do discurso. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, issue 2. Thematic issue: “Semiotics and rhetoric”, São Paulo, August 2025. p. i-ix. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

---

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença  
Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This is an open access article distributed under the terms of a  
Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

